

O fuxico narrativo: um modo de (fa)ser pesquisa

El Fuxico narativo: un modo de quehacer investigación

Pedro Alves Castro
Dinah Vasconcellos Terra
Universidade Federal Fluminense (UFF)
Niterói/RJ-Brasil

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar teoricamente a ideia do fuxico narrativo, um modo de diálogo e manuseio de narrativas. Essa perspectiva surgiu no âmbito do meu projeto de pesquisa de doutorado em Educação, a partir de uma experiência no doutorado sanduiche, e pela provocação das/os orientadoras/es que me instigaram a pensar em outra possibilidade de relacionamento com as narrativas. O fuxico narrativo se fundamenta em alguns preceitos: o (fa)ser pesquisa; a centralidade dos sujeitos; a conversa enquanto metodologia de pesquisa; as narrativas em três dimensões; e o fuxico enquanto fenômeno e método. Por fim, considero que as ideias do (fa)ser pesquisa e do fuxico narrativo andam de mãos dadas, oferecendo elementos para repensarmos as relações que compõem o pesquisar como outras possibilidades de experiências, que estabelecem outros modos de ser, saber e poder.

Palavras-chave: Fuxico narrativo; (Fa)ser pesquisa; Educação.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo presentar teóricamente la idea del fuxico narrativo, un modo de diálogo y manejo de las narraciones. Esta perspectiva surgió en el marco de mi proyecto de investigación doctoral en Educación, a partir de una experiencia en una pasantía internacional, y allí la provocación de mis directoras de tesis me impulsó a reflexionar sobre otra posibilidad de relacionarme con las narrativas. El fuxico narrativo, se fundamenta en algunos conceptos: el quehacer investigativo; la centralidad de los sujetos; la conversación como metodología de investigación; las narrativas entre tres dimensiones; el fuxico, como fenómeno y método. Finalmente, creo que la idea tiene que ser investigación y el fuxico narrativo van de la mano, ofreciéndonos elementos para repensar las relaciones que constituyen el acto de investigación como otras posibilidades de la experiencia, que establecen otras formas de ser, saber y poder.

Palabras clave: Narrativa Fuxico; quehacer investigación; Educación.

1. Palavras iniciais...

Este artigo surge do desejo de compartilhamento de uma perspectiva em construção e possui como objetivo apresentar teoricamente o fuxico narrativo (FN). O FN vem se apresentando como outro modo de (fa)ser pesquisa em Educação, a partir das relações costuradas entre os sujeitos da pesquisa, a conversa enquanto metodologia de pesquisa, as narrativas em suas três dimensões e o fuxico (artesanato do período colonial brasileiro). Além disso, o FN surge de uma observação sobre os estudos com narrativas, que foram sendo construídas pela lógica da análise e que, em muitas ocasiões, consolidam a hierarquização entre os pesquisadores e os pesquisados, seja pelas inferências feitas pelos primeiros, seja na reafirmação do dito, sem o devido estabelecimento do diálogo e da escuta.

Considerando esse cenário de partida e suas premissas, o FN se apresenta na costura dos seguintes elementos: o (fa)ser pesquisa, como outra possibilidade de envolvimento no campo científico (HISSA, 2013); a centralidade dos participantes da pesquisa, considerando que a ideia de sujeito está em disputa a todo momento (MALDONADO-TORRES, 2019); a conversa e seu diálogo possível com o fuxico, com ambos podendo se apresentar no campo social de duas maneiras: enquanto método, principalmente por sua vocação ao diálogo, mas também enquanto fenômeno social, pela artesanania em um contexto de opressão (escravidão) e como um espaço de compartilhamento e construção coletiva de reflexões (RIBEIRO; SOUZA; SAMPAIO, 2018); e a narrativa em suas três dimensões: fonte de dados, registro do percurso e modo de produção do conhecimento (PRADO; SOLIGO; SIMAS, 2022).

O texto foi tecido em dois momentos. O primeiro contempla reflexões que associam o fazer e o ser nos processos de investigação, para isso dialogo com Hissa (2013), que apresenta relações entre o que fazemos e o que somos no âmbito da investigação científica. Nesse sentido, seríamos a nossa própria metodologia de pesquisa. Logo, essas reflexões oferecem outras perspectivas para pensar o processo de investigação como um todo, uma tentativa de fugir dos modos naturalizado e mecanizados. No (fa)ser pesquisa, busco, na junção dos verbos, uma outra possibilidade para as pesquisas com narrativas no campo da educação. Esse movimento se encontra com o fuxico, e, assim, vou narrando acontecimentos e (fa)seres. Ademais, relacionar o (fa)ser com o fuxico se apresenta como algo artesanal para com as narrativas, resistindo e sendo resistência à produção capitalista e neoliberal que invade a Educação.

O segundo momento foi destinado aos movimentos de apropriação e aproximação dos elementos que compõem o FN. As linhas, agulhas, tesouras, retalhos e narrativas estabelecem relações com os aportes teóricos escolhidos. O modo artesanal se configura em uma condição para o narrar, como já anunciava Benjamin (2012), e, a partir disso, o FN vem se constituindo, valorizando a trajetória histórica do artesanato e se colocando como alternativa junto às narrativas. Para o campo das pesquisas em Educação, o FN é uma possibilidade metodológica, mas também é um (fa)ser político de reivindicação de tempo e espaço para o diálogo. Por fim, neste texto ainda apresentei algumas considerações provisórias sobre as pretensões do FN.

2. O (fa)ser pesquisa em Educação: outro caminho possível

Durante o processo formativo que é o doutorado, venho refletindo sobre as temáticas que se encontram em meu projeto de investigaçãoⁱ, e amadurecendo pensamentos sobre os aspectos teórico-metodológicos com os quais construo os meus fazeres, percepções e o meu “ser pesquisador”. Um desses pensamentos compartilho agora, a partir de alguns questionamentos que me provocaram, vindos da minha orientadora. Um deles foi o seguinte: “Pedro, por que não pensar em outra maneira de diálogo com as narrativas?”. Essa pergunta ressoou em mim, principalmente no período em que tive a oportunidade de sair do Brasil e viver a experiência do doutorado-sanduíche. Caminhei pela Argentina e pelo Chile, neste último para uma visita técnica. Na bagagem havia mais livros do que roupas, e no corpo, aquela questão que me desafiava todos os dias.

Durante três dias, fiz uma busca incessante por alguma obra de arte que pudesse me auxiliar em reflexões e na construção de relações com as narrativas. Por um momento, pensei em algum artesanato que pudesse ser comum entre os três países (Brasil, Argentina e Chile), mas nada encontrei. Em um determinado momento, fui surpreendido por uma memória e me recordei do fuxico, a partir de uma experiência com a avó (Tezinha) da minha companheira (Lígia), uma senhora de noventa e sete anos que faz fuxicos todos os dias.

De imediato, comecei a fazer uma busca sobre a história desse artesanato, que, para nós do nordeste do Brasil, é algo muito presente e que resiste aos tempos. Segundo os registros históricos, o fuxico surgiu no período colonial do Brasil, momento em que os tecidos eram considerados artigos de luxo, por seu alto valor no mercado. Assim, eles chegavam em retalhos (sobras) para as mulheres negras escravizadas que trabalhavam nas casas grandes,

as quais, ao final do dia, reuniam-se para fuxicar. Destaco que a palavra fuxico, além de nomear essa artesanaria, também possui um sentido de conversa, um diálogo crítico sobre algum fato ou pessoa, sendo que, naquele período histórico, destinava-se à crítica ao sistema colonial.

A partir da compreensão desses elementos que constituem o fuxico, entendo-o como um fenômeno social, construído enquanto espaço de resistência frente ao contexto de opressão do colonialismo. Contudo, reconheço-o também como um método, um fazer no compartilhamento de experiências e no reaproveitamento do que seria descartado, dos restos, dos retalhos de tecidos, que, no encontro com a linha e a agulha, transpassam as margens do tecido, convertendo-se em uma centralidade que se faz circular.

Esse contexto colonial apresentava-se como um projeto de civilização, no qual as/os outras/os, aquelas/es que possuíam características diferentes das/os europeias/eus, eram submetidos ao padrão colonial do poder (MIGNOLO, 2020). Tal padrão se fundamentava nas colonialidades do ser, do saber e do poder, operando a partir da violência e impondo seus costumes e normas; por outro lado, apagando e silenciando os sujeitos e suas culturas. Desta maneira, penso que o fuxico foi uma possibilidade de resistência àquela realidade, fundamentando-se pelo cuidado feminino e pelo partilhar de sentimentos e experiências vividas naquela época. No Chile, um certo professor me perguntou, logo após eu apresentar a ele um fuxico: “O que querem guardar aqui?”. Essa pergunta me pegou de surpresa, não tive resposta, mas me arriscaria a dizer que, talvez, quisessem guardar a ancestralidade, a resistência, a importância do diálogo e deixar um artefato para sinalizar as suas (r)existências.

Todo esse contexto e enredo me levou a refletir sobre os fazeres, os modos e os jeitos que consolidamos no campo da pesquisa científica. Até que ponto construímos algo? Conseguimos resistir ao que é estabelecido como hegemônico? O que queremos mostrar quando pesquisamos e compartilhamos? O que somos quando fazemos? Quando fazemos, o que somos? Certamente, não irei apresentar respostas, mas talvez indícios que possam gerar outras questões e, conseqüentemente, um novo caminhar.

O estudo de Hissa (2013) me chamou a atenção quando apresenta reflexões que relacionam os nossos fazeres com o que somos. Poderia até me arriscar e dizer, como em um ditado popular, “somos o que fazemos”, mas me manterei longe de máximas, afinal de contas quem opera assim são as colonialidades. Nessa trama entre o fazer e o ser, acredito que vou (e vamos) me/nos formando. Agora sim, arrisco-me, considerando o entendimento de

complementariedade (MIGNOLO, 2020), a uma tentativa de construção de outras compreensões a partir das dicotomias e dos binarismos que fundamentam as colonialidades. Escrevo e penso na junção, no encarnar, no (fa)ser pesquisa.

O (fa)ser pesquisa tem inspiração nas reflexões de Hissa (2013), que, além de estabelecer essa relação entre o ser e seus fazeres, também destaca os processos de apropriação dos fazeres metodológicos por quem se propõe aos movimentos de uma investigação. Ele afirma que há uma encarnação daquilo que fazemos; “ressoar”, “atravessamentos”, todas essas palavras que conseguem dar conta da afetação mútua, de nós com o que fazemos e dos fazeres com o que estamos sendo.

Com essas reflexões e a partir das buscas sobre a história do fuxico, deparei-me com a necessidade corporal, considerando que venho da Educação Física, área repleta de dicotomias e binarismos, principalmente aquelas/es que envolvem o corpo/intelecto. Logo, experimentar fazer um fuxico, colocou-se como uma necessidade para a compreensão, apropriação e encarnação. Saí pelas ruas de Santiago-Chile atrás de uma loja de tecidos. Ao chegar lá, perguntei onde eu encontraria os retalhos, queria viver o mais próximo possível do que foi construído historicamente. De lá para cá, todos os dias, reservo um momento para o (fa)ser fuxicos, e, assim, de maneira artesanal, vou tecendo em mim aquele fazer, fenômeno e método.

Outro aspecto que se associa com o fuxico e que me serve de inspiração para a construção desse (fa)ser pesquisa se fundamenta na compreensão dos sujeitos no processo de investigação: os participantes, mas também o investigador. Maldonado-Torres (2019), em sua quinta tese sobre colonialidade e decolonialidade, expressa como “A colonialidade envolve uma transformação radical do saber, do ser e do poder, levando à colonialidade do saber, à colonialidade do ser e à colonialidade do poder”, aponta as várias camadas pelas quais a colonialidade atua na desumanização dos sujeitos, a partir da modernidade/colonialidade. Trocando em miúdos, é necessário percebermos como as colonialidades operaram/operam sobre os sujeitos, os quais corporificam, operam e naturalizam normas e padrões. Assim, sendo o sujeito peça central na constituição e consolidação do ser, do saber e do poder, precisamos partir do entendimento de que ele é um campo de luta e disputa, um espaço que, para o projeto moderno/colonial, necessita ser controlado e dominado, com o objetivo de que a ordem colonial continue estável.

Nos meios científicos e nas dinâmicas das investigações, o positivismo operou/opera nessa lógica moderno/colonial, criando lugares sociais e de poder para os que estão envolvidos nas investigações, participantes e pesquisador. Considerando esses movimentos, reconsidero tais lugares, a partir do que se é esperado para cada pessoa: participantes respondem e pesquisadores perguntam? Pode o participante perguntar? Claro que sim, e, para ressignificar esses lugares sociais no âmbito da pesquisa científica, recorro à perspectiva da *pesquisaformação* (BRAGANÇA, 2018), que compreende a pesquisa como um espaço formativo, que requer compartilhamento, confiança, trocas e desestabilização dos lugares hegemônicos; afinal de contas, formamo-nos juntos. Considerando esses pressupostos, o desafio é posto: repensar como foi/está sendo construído os arquétipos de participantes e pesquisadores. Como nos portamos e nos colocamos nos espaços de nossas investigações? Esta é uma das perguntas que devemos nos fazer periodicamente, no intuito de descoroar as hierarquias nos espaços de produções de conhecimentos e saberes.

Considerando a necessidade de construção de outras relações com o sujeito e a possibilidade formativa na pesquisa, a partir da *pesquisaformação*, retorno a Hissa (2013) quando ele critica, nessa relação com os fazeres, uma perspectiva que se apresenta como algo sobre-humano, genial, ao visualizarmos outras possibilidades metodológicas. Toda criação parte de alguma referência, há esforço, reflexão e experimentação; aprende-se ao fazer. Logo, nego esse lugar do ineditismo ou do genial, pois somos as referências que carregamos e perpetuamos.

Dialogando com Hissa (2013), a partir dessa reflexão, vejo o quanto tal entendimento nada mais é que uma operacionalização das colonialidades sobre cada um de nós, agindo sobre nossa subjetividade. É ela que se manifesta na pergunta costumeira nos eventos científicos: como é que faz? Uma pergunta que não pretende conhecer as relações estabelecidas, as inspirações para o fazer, o saber fazer caminhando junto com o aprender, o arriscar, o experimentar. Para o autor, “a metodologia é um processo histórico e criativo” (HISSA, 2013, p. 122), logo, os fazeres sempre serão inspirados, recriados pelas criatividade dos pesquisadores.

Corroborando com isso, recordo-me de algo que vi no Museu de Arte Precolombino em Santiago-Chile. Certo dia, fui a uma exposição, e seu título anunciava “*Mirar con otras miradas: las cosas nos ensinan cosas*” (Olhar com outros olhares: as coisas nos ensinam

coisas”). Essa frase me tomou e, mais uma vez, criou outros sentidos para que eu continuasse com a ideia do FN.

Se Hissa (2013) compreende a metodologia em seu aspecto histórico, certamente há uma valorização dos percursos feitos e do que foi acumulado ao longo dos tempos. Não ocorre uma desconsideração do feito, mas surgem outros questionamentos sobre os modos e lugares estabelecidos como hegemônicos, quase intocáveis. Esse processo histórico e criativo que constitui a metodologia também visualizo como aspectos constitutivos do fuxico, artesanato, feito à mão, que teve origem em um contexto histórico de opressão. Assim, a metodologia é “memória-ideia de como fazer” (HISSA, 2013, p. 123).

Nesse sentido, narro os fatos para mostrar como surgiu o meu (fa)ser, os percursos, as referências, os diálogos estabelecidos e os fuxicos feitos, de tudo um pouco, apenas mais uma possibilidade; um modo de fazer e de me refazer. Vou me movendo junto com a metodologia, pois somos e estamos e de nada adiantaria eu apontar um caminho e não narrar as experiências e memórias do caminhar.

“A pesquisa diz a vida do sujeito. A metodologia anuncia o sujeito e a sua compreensão de mundo; a sua inserção no mundo. A obra é o sujeito”. Essa passagem de Hissa (2013) evidencia mais uma vez as relações entre os sujeitos e seus fazeres, a partir de sua vida, em sua complexidade, nunca como algo dado, pronto, mas em movimento, influenciados por referências e temáticas que emergem das vivências. Por isso, apego-me aos diálogos com o campo Decolonial, problematizando a modernidade/colonialidade enquanto projeto civilizacional, a partir das colonialidades do ser, do saber e do poder, as quais ainda nos regem.

A manifestação dessas colonialidades é presente no campo da Educação. Mesmo que hoje consigamos visualizar e conhecer outras experiências que indicam uma educação crítica, a Escola foi/é um projeto da colonização, com uma perspectiva autoritária e violenta sobre nós. Contudo, ainda assim, acredito no papel formador e transformador da Educação, considerando-a um direito social imprescindível para combater a desigualdade social e o silenciamento dos sujeitos e para valorizar saberes outros, que estão presente em nosso cotidiano. Desse modo, o (fa)ser pesquisa é também um movimento de reposicionamento perante esse contexto regido pelas colonialidades, é um (fa)ser com os outros, reconhecendo as outras referências que me influenciam na escrita e nas reflexões, tecendo outras relações possíveis a partir do binarismo pesquisador-participantes e me abrindo aos encontros e

compartilhamentos dos percursos escolhidos ou não durante as trajetórias formativas. O (fa)ser pesquisa é com o outro.

3. O fuxico narrativo: entre linhas, agulhas, tesouras, retalhos e narrativas

O fuxico narrativo é uma perspectiva em construção, uma possibilidade para compreender e dialogar com participantes de uma investigação a partir de suas memórias e experiências, narrativamente. Esse movimento se contrapõe ao que normalmente consigo identificar no campo das pesquisas com narrativas, que são as análises ou descrições do que foi dito pelas/os participantes. Além disso, esses movimentos consolidaram uma função ilustrativa para as narrativas, ao mesmo tempo que solidificaram os lugares hierárquicos no âmbito científico: os pesquisadores com suas análises, e, logo abaixo, os sujeitos e suas narrativas, como figurinhas preenchendo álbuns.

O primeiro aspecto que destaco do fuxico narrativo em sua relação com as narrativas é a possibilidade do manuseio artesão. Gagnebin (1985), no prefácio do livro “Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura”, de Walter Benjamin (2012), aponta três condições que o autor considera fundamentais para a transmissão de uma experiência no sentido pleno, as quais não resistiram ao capitalismo: 1- a experiência ser comum para ambos, o narrador e seu ouvinte; 2- o caráter comunitário entre vida e palavra, que se manifestava em uma condição pré-capitalista de trabalho, a atividade artesanal; e 3- a dimensão prática da narrativa tradicional ser construída pela comunidade de experiência. Esses três aspectos me chamaram a atenção principalmente por possuírem uma origem anterior ao modo capitalista, logo, também anterior ao projeto moderno/colonial, que é uma condição basilar para a propagação e a fundação do próprio capitalismo. Assim, creio que se faz necessário considerar as manifestações pré-coloniais, e até mesmo as coloniais, e as organizações coletivas, em suas perspectivas de resistência, levando em conta os contextos sociais que nosso país enfrentou, uma vez que essas manifestações resistiram ao tempo e aos processos de colonização, mesmo diante dos vários movimentos de apagamento, de silenciamento e de violência.

Essa primeira condição apresentada por Benjamin (2012) me faz pensar no processo de criação do fuxico. O tecido como um artigo de luxo, que chegava em forma de retalho para as mulheres negras escravizadas, as quais resignificavam o que seriam restos, descartados, sem serventia. No entanto, o ato de fuxicar também se manifestava enquanto um momento narrativo, no qual a experiência da escravidão era comum entre as mulheres negras. Assim, o

fuxicar também foi um espaço de narrativas e narrações, um espaço de resistência à opressão sofrida durante todo o período, um fenômeno de resistência que se materializava também com um fazer artesão. Algo clandestino? Talvez, se a perspectiva for a dos dominadores escravocratas. Digo e reafirmo, trata-se de resistência, frente a um cotidiano de maltrato, exploração e serventia que sugava e desumanizava as pessoas pretas.

No âmbito dos currículos, venho estabelecendo relações com os fuxicos (fenômeno, método e contexto), a partir das narrativas das/os companheiras/os de pesquisa. Nessa trajetória, tenho reconhecido o ambiente hostil que a educação veio se transformando, a invasão do espaço escolar pela perspectiva capitalista, em sua face neoliberal, que muito cobra/responsabiliza e pouco oferece. Está presente o entendimento de que um currículo deve ser uma cartilha, que deve ser seguido à risca, pois avaliações irão policiar o que foi feito. Além disso, a sobrecarga e responsabilização das/os professoras/es marcam mais ainda as intencionalidades e objetivos pretendidos: uma educação para o mercado, o sucateamento da educação e a desvalorização do trabalho docente. No entanto, foi nos encontros, não apenas como efetivação de um espaço de investigação, mas no compartilhamento de aflições, experiências e das memórias de currículos, que pude perceber a necessidade de fortalecimento da comunidade docente.

Ao narrarmos as nossas experiências e práticas curriculares, refletíamos com elas, em movimentos com os tempos, e percebíamos as resistências tecidas, assim como os fuxicos. Mesmo diante de um ambiente de vigilância, a comunidade se colocava em resistência e na partilha das narrativas, apesar do contexto de sobrecarga de trabalho, que ainda era vivenciado em um momento pandêmico.

A segunda condição, o encontro comunitário entre vida e palavra, através da atividade artesanal, foi sendo afetada pelo capitalismo, modo que se preocupa com a quantidade, a demanda, o lucro, o tempo, e no qual as vidas pouco importam. A atividade artesã, fuxico, faz/fez-me refletir sobre como estabelecemos as nossas relações com os outros. Na maioria das vezes, essas relações são aligeiradas, com pressa, o que também é reflexo do projeto moderno/colonial em sua continuação capitalista/neoliberal. No âmbito das pesquisas científicas, não seria diferente: relatórios, artigos para produzir, prazos e cobranças. Todo esse cenário também contribui para a consolidação da figuração das narrativas, utilizadas como meras ilustrações.

O fuxico narrativo: um modo de (fa)ser pesquisa

No âmbito do meu projeto de pesquisa, essa relação entre vida e palavra aconteceu/acontece nas relações tecidas com as/os professoras/es participantes, que, através da conversa, compartilhavam suas experiências, práticas e memórias de currículos. Tais conversas aconteceram mensalmente, durante 7 meses, e tínhamos como tema central as memórias de currículos, que são entendidas como experiências vividas nos percursos formativos que envolvem os currículos, seja na posição de estudantes, seja na posição de professoras/es, abarcando principalmente o ensino e as práticas pedagógicas/didáticas, mas também outros espaços para além do âmbito escolar, já que a formação, enquanto compreensão ampliada, não acontece exclusivamente na escola.

O encontro comunitário entre professoras/es de Educação Física construído no âmbito da pesquisa pode evidenciar as referências para a constituição dos currículos, que, dentro da lógica escolar, principalmente através da responsabilização das/os professoras/es, acaba sendo, em algumas ocasiões, uma produção em série, seguindo o que propõem as leis e as determinações oficiais. Diante disso, surge a pergunta: poderíamos pensar em um currículo artesanal? Eu diria que, antes mesmo de pensar, eles já acontecem (e muitas vezes não damos conta disso), principalmente quando nos propomos a questionar o que é posto, construindo movimentos de resistência, nas relações com os estudantes e com a comunidade escolar. O FN pode proporcionar outra relação com as narrativas, algo íntimo, artesanal, acompanhando o vai e vem da agulha, que trança a linha no retalho, e, no final, com um singelo aperto e alguns nós, a artesanaria surge. Em uma convergência que une elementos, forma-se, no meio, um ponto central. Arriscaria a dizer que, no caso desta pesquisa, o ponto central é a temática dos currículos, em suas manifestações memorialísticas, apresentando aspectos históricos, pessoais, formativos e referentes às trajetórias escolares ou não. Dá-se a convergência dos encontros, da soma de elementos, não do apagamento ou do silenciamento. Trata-se de narrativas que importam e se apresentam ao compartilhamento e ao debate, pela palavra e pelo encontro.

Compreendo esse momento de partilha com as/os professoras/es a partir da artesanaria da conversa, do compartilhar em um ambiente virtual, por conta da dinâmica do próprio projeto de pesquisa, que envolve professoras/es de 4 regiões distintas do Brasil, e devido ao período pandêmico que estamos vivendo. Foram conversas com gosto de fuxico. Falar sobre os currículos, anunciá-los e refleti-los foi algo interessante. Para algumas/uns professoras/es, aquele seria um dos poucos momentos que lhes possibilitariam refletir sobre suas práticas

curriculares, compartilhar e também ouvir outras experiências. Certamente, vocês me perguntarão como o fuxico narrativo é tecido nesse contexto e no âmbito do projeto de pesquisa. Então, vamos lá.

Após a transcrição das conversas, que duraram cerca de uma hora e meia cada, comecei a estabelecer relações com as narrativas. Os momentos da partilha coletiva não foram construídos pela dinâmica de perguntas e respostas, mas foram se compondo como um espaço de partilha de experiências, memórias e narrativas. O eixo central, como já dito, eram as memórias de currículos, e, com o passar dos encontros, observei que em cada um emergiu uma temática que perpassava os currículos, tais como: os documentos oficiais, as influências pessoais (parentes professoras/es, ex-professoras/es, colegas de trabalho, professoras/es de esportes), a educação militarizada, a formação inicial na Universidade e as experiências escolares na Educação Básica como estudantes.

Em contato com essas narrativas, apresentei-as no corpo do texto, na íntegra, modificando a fonte de escrita, para destacar a autoria das/os participantes da investigação. A apresentação integral das narrativas possibilitou o entendimento do seu contexto geral, bem como viabiliza a construção de outros diálogos para aquelas/es que tenham contato com elas através de sua leitura. Na relação com os fuxicos, as narrativas se colocavam como moldes, prontos para a tessitura com os autores de referência (bibliográficos e pesquisador).

A tesoura foi utilizada para fazer esses moldes

ii. Selecionei as narrativas de acordo com a proximidade com a temática emergente de cada encontro e respeitando a temática central, as memórias de currículos. Essa tesoura buscou captar as informações necessárias para o fuxico, não como um mero recorte, mas avaliando o quanto as narrativas dialogavam com a temática emergente de cada encontro. A construção desse exercício é inspirado nos fuxicos, que se compõem individualmente, mas também coletivamente. Individualmente, o trabalho da tesoura é complementado com o tecer da linha na agulha, e, ao final, temos a conversão de vários pontos, que se voltam para o centro, possibilitando uma leitura dos movimentos individuais-coletivos.

Coletivamente, para termos uma peça (composição) de fuxicos, é necessário uni-los, buscando um diálogo, uma harmonia de cores. No caso do FN, esse diálogo foi estabelecido pelas temáticas emergentes de cada encontro, que constituíam as memórias de currículos. A linha, por sua vez, perpassa o tecido, assim como as narrativas, em movimentos de dentro

O fuxico narrativo: um modo de (fa)ser pesquisa

para fora e de fora para dentro (sulco narrativo). O objetivo não é o juntar por juntar, mas o encontro para o diálogo quando nos deparamos com outra narrativa.

Compreendo que uma narrativa é um recorte da/o narradora/r, composto por exercícios de reflexão, rememoração e constante significação. Logo, quando nos deparamos com uma narrativa, não devemos apenas buscar a sua análise pura, mas uma compreensão dos elementos que a compõem e do lugar para onde aquela narrativa nos leva; para quais experiências e memórias somos levadas/os quando lemos ou ouvimos uma narrativa? Nunca apenas escutamos. As narrativas ressoam, e é nesse ressoar que nos formamos juntas/os.

Sobre as narrativas e esses movimentos de aproximação com o fuxico, inspiro-me em Prado, Soligo e Simas (2022), que, como já dito anteriormente, no contexto das pesquisas em educação, consideram as narrativas em três dimensões: fontes de informações; registros investigativos; e modos de produção do conhecimento. No desenvolvimento do meu projeto de investigação, consigo estabelecer relações com essas três dimensões, considerando as narrativas das/os professoras/es como fonte de informação sobre as temáticas dos currículos; em relação ao registro, utilizei um diário durante todo o percurso feito na investigação, o que me auxiliou nas reflexões do que foi vivido; e, por fim, tomando as narrativas em seu potencial para a produção de conhecimentos, recorri a ideia do fuxico narrativo, o que proporciona a produção de conhecimentos com as narrativas e, principalmente, com os sujeitos que as socializaram.

Pensar essas três dimensões das narrativas no campo das pesquisas em educação, que influenciaram/influenciam diretamente a construção da perspectiva do fuxico narrativo, para além de valorizar o dito, auxilia-me a assumir uma posição política e epistêmica diante de quem narra, ou melhor, de quem teve a oportunidade de narrar, ser ouvido e contemplado nos espaços hegemônicos de construção dos conhecimentos e saberes. Afinal de contas, muito não foi dito, mas apagado, silenciado.

A valorização de quem fala, no campo dos currículos, é um desafio posto, tendo em vista os movimentos de distanciamento entre quem está na produção do conhecimento científico e quem vive, refaz e inventa os currículos nas escolas, as/os professoras/es. Nesse contexto, o fuxico narrativo, assim como o fuxico artesanial, vem se constituindo enquanto método e fenômeno. Trata-se de um método para repensarmos os modos pelos quais estamos construindo, ou não, diálogos com as narrativas e com quem tem algo a nos dizer, buscando uma superação das estruturas hierárquicas coloniais que se fazem presentes no

campo científico e educacional. Já como fenômeno, coloca-se como uma possibilidade de restabelecimento do diálogo. Como diria Freire (2020), o diálogo é o espaço público fundamental para construirmos a democracia. Eu diria mais, considerando o momento que vivenciamos em nosso país, o diálogo é mais que necessário, sendo um elemento basilar para a construção das experiências democráticas.

Assim, o tempo para o fuxico narrativo, enquanto método e fenômeno, no campo das pesquisas educacionais e curriculares é imprescindível, pois as forças do capitalismo lutam a todo o momento para acabar com os espaços de diálogo, através da precarização do trabalho docente e da alta demanda administrativa a que sucumbe a função formativa e pedagógica, além da invasão dos preceitos neoliberais no âmbito escolar (avaliações de larga escala, ranqueamento de escolas, controle sobre o trabalho docente a partir de preceitos da administração etc.).

Como já dito, o fuxico narrativo propõe a construção de um relacionamento com as narrativas, a partir de retomadas do que foi narrado. Esses movimentos de retomada chamo de sulco narrativo, fazendo referência ao relevo do fuxico, no qual o retalho, após ser cosido, vai formando pequenas retomadas, que me lembram algo centrífugo, circular, elementos que convergem para uma temática central e a constitui. Esse sulco narrativo também estabelece diálogo com outros dois participantes da pesquisa: as referências bibliográficas e o pesquisador. As relações estabelecidas com as referências bibliográficas, oportunizam-nos a construção de outros diálogos no processo de construção das reflexões, isto é, o que já foi pensado até aquele momento pode nos levar a compreensão do processo histórico do conhecimento científico, sem hierarquizá-lo, ao mesmo tempo em que nos oferece uma base para pensar outros elementos que são constitutivos do conhecimento, mas que ainda não foram contemplados, principalmente quando levamos em conta o processo de eurocentrismo na ciência.

O eurocentrismo é uma percepção que foi difundida durante os processos de colonização, em que são colocados, no centro da ciência e do saber, o continente europeu e seus povos, como detentores do saber universal. Logo, quando repenso esse diálogo com as referências bibliográficas, não busco utilizar apenas referências de fora desse círculo, mas também chamar para o diálogo o que foi construído pela ciência hegemônica.

O meu papel de pesquisador foi/está sendo reconstruído no percurso da pesquisa, mas, de antemão e me constituindo com o fuxico narrativo, percebo a importância de viver com a comunidade narrativa de perto, buscando compreender os processos de subjetivação e afetação dos participantes da pesquisa pelas temáticas curriculares anunciadas em suas narrativas. Junto a isso, percebo o quanto é importante viver os processos formativos, o que requer de nós, não apenas passar por eles, mas refletir sobre como estamos nos envolvendo com eles, ou seja, passar pelos processos e percursos refletindo sobre eles.

Nesse sentido, afirmo que a proposta do fuxico narrativo se configura como um encontro entre experiências, narrativas e memórias. Para a compreensão das experiências, inspiro-me em Santos (2019), que as toma como aquilo que vivemos e aquilo sobre o que estabelecemos relações de significados, ou seja, as experiências vividas. Nas palavras de Benjamin (2012, p. 215), “a arte da narrativa está em, ao contar uma história, evitar explicações”.

Por fim, inspiro-me em Walsh (2017), que considera as memórias em sua coletividade, ou seja, são as memórias coletivas que constituem um espaço de preservação e movimento para as experiências vividas. Enfim, o fuxico narrativo é um espaço de encontro e reflexão desses elementos, que tenta desestabilizar estruturas do ser, do saber e do poder, no intuito de nos fazer pensar outras possibilidades para além daquelas que foram normalizadas e universalizadas.

4. Considerações provisórias

As ideias que constituem o (fa)ser pesquisa e, consequentemente, o fuxico narrativo, caminham de mãos dadas. Processos e procedimentos que se complementam, em uma tentativa de reestabelecer outras relações nos campos de pesquisa. Assim, considero a necessidade de criar outros modos de estar com os participantes das investigações, com os campos sobre os quais escolhemos nos debruçar, com as experiências dos/as sujeitos da pesquisa e dos/as pesquisadores/as, com as referências bibliográficas que nos inspiram e com o reconhecimento do que nos afeta ao pesquisar.

Como sempre digo, o Pensamento Decolonial não é um mero encontro de críticas teóricas, ele é um convite às experiências, outras experiências que poderão nos possibilitar romper com as estruturas hegemônicas. Penso que a disputa não é por esse lugar da hegemonia, mas por outras vivências possíveis. Essa reflexão também recai sobre o campo

das narrativas, que é permeado por análises, apontamentos, hierarquizações, pelo “dar a voz”. Podemos criar outras formas de nos relacionar com o dito? Penso que sim! Vamos?

Referências

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**: ensaios sobre literatura e história da cultura; tradução Sérgio Paulo Rouanet. 8. ed. revista. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BRAGANÇA, Inês Ferreira Souza. Pesquisa-formação narrativa (auto)biográfica: trajetórias e tessituras teórico-metodológicas. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; CUNHA, Jorge Luiz; BÔAS, Lúcia Villas. **Pesquisa (auto)biográfica**: diálogos epidêmico-metodológicos. Curitiba: CRV, 2018.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 47. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Walter Benjamin ou a história aberta. Prefácio (1985). In: BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 8. ed. revista. São Paulo: Brasiliense, 2012.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. **Entrenotas**: compreensões de pesquisa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões. In: BERNADINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGUÉL, Ramón (Orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. (Coleção Cultura Negra e Identidades).

MIGNOLO, Walter D. **História locais/ projetos globais**: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. 1 ed. ver. Belo Horizonte: editora UFMG, 2020.

PRADO, Guilherme Do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura Angélica; SIMAS, Vanessa França. Fontes de informações, Registros investigativos e Modos de produção de conhecimento: uma compreensão da pesquisa narrativa articulada em três dimensões. **Revista de Educación**. Año XIII, n. 25, p. 101-118, 2022. Disponível em: https://fh.mdp.edu.ar/revistas/index.php/r_educ/article/view/5831. Acesso em: 03 mar. 2022.

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches. É possível a conversa como metodologia de pesquisa? In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (Orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa**: porque não? Rio de Janeiro: Ayvu, 2018. (Coleção Ciência e pesquisa em questão).

SANTOS, Boaventura de Souza. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

WALSH, Catherine. Gritos, grietas y siembras de vida: entretejer de lo pedagógico y lo decolonial. In: WALSH, Catharine (Org.). **Pedagogías decoloniales**: Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. TOMO II. Ediciones Abya-Yala, 2017.

Notas

ⁱ Projeto de pesquisa financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq-Brasil).

ⁱⁱ O entendimento de molde assumido aqui não é o que se encaixa em modelos, arquétipos ou qualquer outra palavra que leve a essa compreensão. Trata-se de uma marcação coletiva, considerando o encontro de narrativas e as reflexões oriundas delas. Assim, os moldes não se configuram como uma mera seleção autoritária do pesquisador, mas, sim, como um exercício de diálogo entre as narrativas e suas reflexões, a partir da temática central e do contexto da conversa em sua coletividade, como os fuxicos (fenômeno e método).

Sobre os autores

Pedro Alves Castro

Doutorando em Educação pela Universidade Federal Fluminense, bolsista (CNPq/Brasil). Pesquisador do Grupo de Pesquisa Currículo, Docência e Cultura (CDC/FEUFF). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5698-2128> E-mail: profpacastro@gmail.com

Dinah Vasconcellos Terra

Doutorado em Ciências da Educação - Universidade de Barcelona- Espanha (2004). Professora da Universidade Federal Fluminense. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Currículo, Docência e Cultura (CDC/FEUFF). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4589-3861> E-mail: terrad@gmail.com

Recebido em: 09/05/2023

Aceito para publicação em: 05/07/2023